

**O Anfitrião e os Adventícios. O Centro e a
Periferia: breve contribuição à etnografia
do Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social da Universidade
Federal de Santa Catarina¹**

Rafael José de Menezes Bastos

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
E-mail: rafael@cfh.ufsc.br

Resumo

Breve contribuição à etnografia do PPGAS/UFSC, enfocando seus últimos cerca de vinte anos. De começo ela reflete sobre as perspectivas teóricas das abordagens da etnografia da ciência, da *petite histoire* e daquela – menos brilhante, mais contumaz – tornada possível pela análise antropológica do tipo de escrita e fala à qual os antropólogos no Brasil se dedicam quando em posição institucional-administrativa. Optando pela última abordagem, o foco da narrativa está em dois sistemas de relações vigentes nos últimos cerca de vinte anos: aquele que abarca Silvio Coelho dos Santos, o grande anfitrião, e os adventícios, demais integrantes do corpo docente do Programa; e aquele que envolve este Programa e os demais similares, integrantes da pós-graduação em antropologia no Brasil. No primeiro caso, explora-se a idéia de história enquanto narrativa à qual se adere. No segundo, a ênfase está na consideração sobre as hierarquias vigentes entre os programas de pós-graduação em antropologia no país.

Palavras-chave: Santa Catarina, Etnografia, História, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Silvio Coelho dos Santos

Abstract

Brief contribution to the ethnography of the Graduate Program in Social Anthropology of the Federal University of Santa Catarina, focusing at its last twenty years. The article starts by examining the theoretical approaches to the ethnography of science, 'petite histoire' and the approach – less brilliant and more frequent – which is made possible by the anthropological analysis of that type of writing and speech to which anthropologists in Brazil in institutional and administrative positions dedicate themselves. Opting for the last type of approach, the focus of the narrative is on two systems of relationships: one that comprehends Silvio Coelho dos Santos, the great host, and his guests, the other members of the Program's faculty; and one that involves the Program and the other graduate programs in anthropology in Brazil. In the first case, the idea of history as a narrative to which one adheres is explored. In the second, the emphasis is on the study of the hierarchies involved in the referred programs.

Keywords: Santa Catarina. Ethnography. History. Graduate Program in Social Anthropology. Silvio Coelho dos Santos.

À memória de Silvio Coelho dos Santos

“A história não é, pois, nunca a história, mas a história-para”.

Claude Lévi-Strauss

Ao organizar minhas notas para elaborar este texto, examinei alguns dos rumos que ele poderia tomar, bem diferentes entre si. Imaginei de começo que ele poderia ser uma incursão à etnografia da ciência². Perguntei-me então: como ter os pesquisadores do Programa – entre os quais eu mesmo – como informantes, melhor dizendo interlocutores? Recordei-me, em seguida, do que dizem Latour e Woolgar em *A Vida em Laboratório* (Latour; Woolgar, 1997): que os pesquisadores são “com certeza informantes privilegiados”, mas que a etnografia da ciência deve proceder “sem usar o que eles dizem para explicar o que fazem” (p. 25, ênfases minhas). Este procedimento – “não usar o discurso dos cientistas para explicar o que (eles) fazem” – consistiria numa “regra de higiene” (p. 28) da etnografia da ciência, segundo esses autores. Perguntei-me a seguir: higiene em relação a que tipo de, por assim dizer, impureza, sujeira, desordem? Na mesma p. 28, dizem eles: “Se perguntarmos a um pesquisador o que ele faz, quem nos responde? Na maior parte das vezes é a epistemologia, é a filosofia da ciência que sopra as respostas”. Quer dizer, assim, que a epistemologia e a filosofia da ciência seriam como que micróbios, transmissores de uma espécie de doença à – diga-se assim – sadia explanação da prática dos cientistas por eles mesmos? Mas, então, devemos tratar os cientistas de maneira diferente da maneira que tratamos toda a gente a respeito da relação entre o que se faz e o que se diz para explicar o que se faz? Como podemos levar a sério o pensamento dos cientistas, como temos feito, por exemplo, com o dos ameríndios das terras baixas da América do Sul – podemos usar aquilo que os índios dizem para explicar o que eles fazem³?

Logo após, disse a mim mesmo: bom, mas tudo isto não pode ser aplicável à antropologia, a ciência interpretativa de Geertz, de

acordo com quem a etnografia é pelo menos de segunda mão – já que a etnografia de primeira mão por definição está no plano do universo nativo – e a disciplina não é uma ciência em busca de leis (apesar de tanto impacto legislativo que ela tem tido desde que existe). Desta maneira, o Programa não terá nada a ver com laboratórios (embora tenha um Laboratório de Antropologia...).

Em meio a essas reflexões, considerei, enfim, que a relação entre aquilo que se diz e aquilo que se faz constitui um dos problemas clássicos da antropologia – para ficar somente nela, pois também da filosofia e das ciências humanas em geral. Esta distinção encontra formulações muito distintas na história da disciplina, a depender de cada autor, filiação teórica de cada e tudo o mais. Recordei-me, então, da diferença que Lévi-Strauss faz entre normas e regras, as primeiras estando para ele no plano do dito ou do explícito – da racionalização, dir-se-ia –, as segundas, não, pois inconscientes, sendo tarefa do etnógrafo explicitá-las. Por fim, pensei: será que aquilo que os índios dizem para explicar o que fazem está para eles como a epistemologia e a filosofia da ciência estão para os cientistas? O que fazem Latour e Woolgar em *A Vida em Laboratório* será mesmo antropologia (ou etnografia) da ciência, ou dos cientistas⁴?

Um segundo rumo para meu texto seria o de alinhar uma história do PPGAS. Afinal, estou aqui desde 1984, tendo assim alguma antiguidade na aldeia⁵. Mas – refleti – que tipo de história, já que, conforme a epígrafe a este texto, parto do princípio apontado por Lévi-Strauss (1970) de que “a história não é, pois, nunca a história, mas a história-para”? Poderia eu contribuir para uma *petite histoire* do Programa, com lugar para confissões? Lembrei-me, então, de um comentário – com o qual amplamente estou de acordo – que sempre me impressionou, do Prof. Hector Leys, do Departamento de Sociologia Política. Segundo Hector, as melhores festas do CFH, tempos atrás, eram as da Antropologia. Impressionantes, animadíssimas eram as festas dos antropólogos, segundo ele. Hoje, continua o comentário de Hector, os antropólogos da UFSC estariam em franca decadência – quanto a festas, é importante dizer. Perguntei-me, então: “Por que não fazemos mais festas, ou, quando hoje as fazemos, elas não parecem

ter o mesmo sabor das de outrora? De quando data este outrora? Éramos felizes e não sabíamos”? Recordei-me, também neste momento, de uma arguta reflexão de outro colega, o Prof. Alberto Groisman, de que uma parte significativa dos problemas atuais do PPGAS – então era 2004 ou 2005 – era ligada à prosperidade que ele havia alcançado. Disse, então, comigo mesmo: “Será que estamos pagando o preço do nosso, por assim dizer, aburguesamento”?

É importante notar que o intervalo de tempo entre as duas frases (e fases) acima soma cerca de vinte anos de vida do PPGAS: de um pequeno grupo, em 1985 e arredores, formando um Programa na língua nativa apontado como *emergente* – ou, conforme uma categorização eventualmente cruel que uma vez ouvi de um conspícuo colega, *submergente* – com poucos recursos e, consistentemente com isto, com conceito entre 3 e 4 no sistema de avaliação então vigente da CAPES, cujo pico era 5; a um Programa, em 2004-2005, não somente *consolidado* – como se diz na mesma língua – mas com a perspectiva de receber a prestigiosa nota 6 na nova escala de conceitos da CAPES, cujo ponto culminante passou a ser 7. Lembro que nessa data a Área de Antropologia da CAPES, sob a liderança da colega Miriam Pillar Grossi, recomendou o conceito 6 para o PPGAS/UFSC, recomendação, entretanto, não acolhida pelo famoso CTC da CAPES.

Tendo levado em conta pelo menos esses dois grandes rumos que o presente texto poderia seguir, preferi, entretanto, abandoná-los, resolvendo aqui fazer, simplesmente, uns poucos apontamentos que, recordando às vezes o tipo de texto que, como coordenadores de PPGs, escrevemos quando do famigerado Datacapes (Pasta: Proposta do Programa), possa eventualmente contribuir para, de um lado, celebrar nossos 20 anos, e, de outro, considerá-los. Disse “considerá-los”, isto é, aproximadamente, do latim considerare: “examinar com cuidado e respeito religioso os astros, segundo os princípios da astrologia” (do Houaiss⁶). Eventualmente, alguma antropologia, pequena história, confissão mesmo, poderá resultar de meu esforço. Recentemente, como coordenador do Programa, investi uma grande energia em preparar o célebre Coleta e, assim, minha escolha é muito conveniente para mim. Além disto, tê-lo como objeto de estudo, brevemente que

seja, constitui uma espécie de desafio para mim, na medida em que o tipo de escrito que ele é – e, pior, por mim mesmo escrito! – provoca-me, *qua* antropólogo, uma forte evitação⁷. Vale dizer por fim que, ao escrever o presente texto, procurei evitar ao máximo o tipo de escrita hagiográfica, elogiosa em relação ao PPGAS/UFSC, o que não sei se consegui alcançar, mesmo que de maneira parcial.

Gostaria de começar a falar sobre o Dataapes, dizendo – curto e grosso – que ele, como tarefa, parece ter todas as características daquilo que Wilensky (1970) chama de dirty job de uma profissão. Ao que conheço, nenhum acadêmico, estudante ou professor atribui maior valor (vale dizer: acadêmico-científico) a essa tarefa, que uma vez eventualmente de maneira irreverente (na presença de colegas de outros programas, na posição de visitantes da CAPES) eu já comparei a algo como um cadastro bancário, que, desviando-nos de nosso ideal service (Goode, 1969) – o Dataapes certamente para nós não é antropologia –, serve a razões simplesmente utilitárias, ligadas ao financiamento do Programa. Na esteira do que eventualmente poderiam dizer Latour e Woolgar sobre isto, entretanto, não será que, não sendo o Coleta ciência – no caso antropologia, sua epistemologia, filosofia ou história –, poderão estar exatamente nele dados e informações de fundo interesse para a etnografia do Programa e da antropologia que nele se pratica? Entendo que sim, e é neste sentido que meu esforço neste texto está indo – contribuir para a etnografia do PPGAS, apesar da, como disse, evitação que tenho e, sugiro, temos, os antropólogos, em levá-los a sério, senão no contexto tão somente administrativo-institucional.

Logo no começo da Ficha 6, relativa à autoavaliação do Coleta 2004, escrevi o seguinte:

O ponto forte fundamental do PPGAS é a qualidade de seu corpo docente e sua adesão a uma história moldada pela busca da aliança da excelência acadêmica com o compromisso ético-político com os povos e grupos com os quais desenvolve suas pesquisas. Isto permitiu que o Programa, em vinte anos, tenha alcançado a posição que tem, ao lado dos PPGs brasileiros de qualidade, com uma produção intelectual relevante e reconhecida e um corpo discente e de egressos com níveis de excelência (ênfases minhas).

Este parágrafo é, sem sombra de dúvida, um elogio ao PPGAS – mas não um elogio qualquer, conforme logo pretendo mostrar. Note-se como nele a evidenciação da qualidade do PPGAS/UFSC é feita no plano comparativo, colocando-o ao lado dos PPGs brasileiros de qualidade. Aqui, olhei para fora do Programa quando escrevia. Onde lancei bastante luz sobre características propriamente do PPGAS foi na história à qual aderimos, marcada pela aliança entre qualidade e compromisso ético-político.

Mas, como assim: que história é esta, à qual aderimos? Não é ela nossa? Quem será nós no parágrafo acima? Respondo, tentando agora pensar antropológicamente sobre o que ali escrevi: o atual corpo docente permanente do PPGAS/UFSC – com exceção exatamente de Silvio Coelho dos Santos – é adventício, composto que é por profissionais não-catarinenses. É minha impressão que essa característica é impar no contexto dos PPGs em Antropologia no Brasil. Vejo agora como a posição de exterioridade nossa está ali marcada no que eu disse no Coleta, uma exterioridade que, entretanto, busca tornar-se interioridade pela adesão a uma história que já se desenrolava quando aqui chegaram os primeiros adventícios – em 1983, Esther Jean Langdon; em 1984, Ilka Boaventura Leite e eu⁸. Noto que essa história está emblematicamente ligada a Silvio Coelho dos Santos, que sempre – desde seu clássico de 1973, que, por assim dizer, inventa os índios do sul do Brasil –, buscou o tipo de aliança mencionado no parágrafo em consideração, entre excelência acadêmica e compromisso ético-político⁹. É minha sugestão que o nós que se pronuncia no parágrafo em análise é duplo: ele aponta tanto para o grupo de adventícios do PPGAS quanto para ele mesmo aderindo a um passado encarnado por Silvio. Note-se que este passado, cronológico no plano empírico, é tipicamente cosmológico ou mítico na medida em que, constituído a cada momento a partir do(s) presente(s), foi e continua a ser erigido como modelo.

Passo agora à Ficha 1, sobre os objetivos do Programa, onde, refletindo sobre a antropologia que fazemos, escrevi o seguinte:

A Antropologia que o PPGAS/UFSC tem por objetivo produzir e reproduzir caracteriza-se por uma forte ênfase na teoria e pelo diálogo constante entre teoria e etnografia, tomando-se a história da disciplina como pano-de-fundo e horizonte desse diálogo. Tem também como

marca o compromisso ético-político com os povos e grupos objetos de sua atenção. Trata-se, por fim, de uma Antropologia no Brasil, não necessariamente do (sublinhadas no original).

Centro minha reflexão, agora, naquilo que está ao fim do parágrafo: a passagem de uma antropologia do Brasil para uma no Brasil. Quando ingressei, em 1984, no então Departamento de Ciências Sociais da UFSC, onde a antropologia era uma Área, juntamente com a política e a sociologia, e, em 1985, no então Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – reduzido ao mestrado, a antropologia nele sendo uma habilitação –, ser um amazonista era algo exótico. Não tanto pelo amazonismo em si mesmo, mas pelo fato de ele constituir uma área de investigação fora dos limites estaduais, no máximo regionais relativos ao sul do Brasil. Era dentro desses limites que a investigação antropológica se desenvolvia aqui então, como – creio – na maioria dos PPGAS regionais¹⁰. Hoje, isto mudou por completo, as pesquisas desenvolvidas pelo corpo docente e pelos estudantes do PPGAS cada vez mais incluindo locais para além de Santa Catarina, do sul brasileiro e do próprio Brasil. Isto não significa dizer, evidentemente, que não fazemos mais investigações envolvendo os planos local, estadual e regional.

Mas, o que eu quis dizer atrás, exatamente, com PPGAS regionais? O que seriam então – por oposição – os Programas não-regionais? - Nacionais? A distinção, que evoca um conhecido poema de Carlos Drummond de Andrade, parece hoje menos viva – ao menos, menos dualista –, mas tinha fundo eco naqueles idos dos 1980, alcançando parte considerável dos 1990¹¹. Entendo que este quadro mudou – não diria por completo, mas significativamente –, na medida em que a qualidade da antropologia que agora se faz no Brasil se expandiu com grande homogeneidade, esta expansão tendo focos, no Brasil, na USP e no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Ainda na Ficha 1 do Dataapes, que tematiza os objetivos do Programa, realizei uma reflexão relativamente longa sobre as linhas de pesquisa do PPGAS, definindo-as como instrumentais em relação à consecução dos seus objetivos¹². Noto que as linhas de pesquisa sempre constituíram um problema para o PPGAS, na medida em que elas nunca conseguiram capturar por completo a diversidade de nosso fazer, o que, inclusive, em várias ocasiões provocou críticas ao Programa

por parte das equipes de avaliação da CAPES. Ultimamente – ao que me parece – temos tido quanto a isso uma posição mais pragmática, deixando as linhas em tela como estão desde 1995, mesmo sabendo que elas não cobrem com suficiência a referida diversidade¹³.

Reproduzo abaixo os textos das então – até 2006, se não me falha a memória – três grandes linhas de pesquisa do PPGAS, seus nomes e respectivas ementas:

Cultura e Comunicação

Sistemas simbólicos, artísticos, estéticos e de comunicação, culturas brasileiras e seus nexos históricos e estruturais, cultura popular, de grupos minoritários e de elites. Indústria cultural. Teorias da cultura, da linguagem, da arte e da comunicação. Simbolismo e campo religioso.

Etnologia, Etnopolítica e Projetos de Desenvolvimento

Etnologia das sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul e das populações de origem africana. Relações interétnicas. Etnopolítica. Implicações sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais da implantação de projetos de desenvolvimento em territórios de grupos minoritários.

Convívio Social, Micropolítica e Afetividade

Convívio doméstico e social. Relações micropolíticas. Sexualidade. Identidades e representações de gênero e idade. Organização Social em Instituições totais. Violência interpessoal e grupal.

Das linhas de pesquisa, a de Etnologia, Etnopolítica e Projetos de Desenvolvimento é a que engloba as atividades – não somente de pesquisa como também de ensino e extensão – historicamente fundadoras do PPGAS. Isto tem origem nos anos 1960, quando a UFSC foi criada e incorporou a antiga Faculdade Catarinense de Filosofia. Nesta época, a pesquisa que se fazia aqui em antropologia era realizada tipicamente em Etnologia Indígena e Arqueologia (veja Coelho dos Santos, 2006). Quanto à linha de Cultura e Comunicação, ela data de meados dos 1980, sendo que a de Convívio Social, Micropolítica e Afetividade foi implantada na década de 1990.

Na direção de sua forte consolidação atual, a linha de pesquisa mais antiga do Programa sofreu mudanças profundas. Primeiro que tudo, a Arqueologia deixou de ser uma de suas subáreas, para alguns de nós – entre os quais eu me situo –, isto estando a merecer algo como um “resgate”. Por outro lado, as populações afro-brasileiras e os grupos minoritários em geral passaram também a fazer parte de seu horizonte, não mais restrito assim às sociedades indígenas. Por fim, como já apontei antes, o sul do Brasil e depois o próprio país deixaram de constituir o limite dos seus interesses de investigação. Quanto a este último ponto, observe-se que hoje os professores e estudantes do PPGAS realizam investigações em vários países das Américas, da Europa e da África.

A linha de pesquisa de Cultura e Comunicação também passou por grandes modificações, partilhando com a primeira – e a última – a marca de que a antropologia que hoje se faz no Brasil não é mais somente do Brasil. Entre seus objetos de estudos mais importantes estão as artes, a estética, o simbolismo e a performance. A linha de pesquisa mais jovem do PPGAS, a de Convívio Social, Micropolítica e Afetividade, consolidou-se rapidamente, incluindo investigações sobre as violências, relações de gênero, afetividade e sexualidade.

Transcrevo abaixo um dos parágrafos que escrevi sobre as linhas de pesquisa do PPGAS, no qual uma vez mais é remarcada com vigor a continuidade e a lealdade do PPGAS com suas origens:

Conservando uma das marcas mais fortes da Etnologia que nos fundou, a produção intelectual ligada às linhas de pesquisa em epígrafe alia a busca da excelência acadêmico-científica ao cultivo do valor do compromisso ético-político com os povos e grupos objetos de seus estudos. Na direção desse cultivo, ela desenvolveu uma competência pioneira no complexo campo da intervenção, envolvendo o intercâmbio com e a consultoria e assessoria a organizações governamentais e não-governamentais.

Em 2004 – ano objeto do Dataapes ora em consideração –, a seguinte distribuição de projetos por linha de pesquisa pôde ser levantada, 46 sendo o número total de projetos:

Linhas de Pesquisa	Projetos de Pesquisa
Cultura e Comunicação (CC)	13
Convívio Social, Micropolítica e Afetividade (CS)	15
Etnologia, Etnopolítica e Projetos de Desenvolvimento (E)	18

Sobre isto, aponte o seguinte no Coleta:

Esta distribuição exibe um interessante equilíbrio entre as duas linhas mais jovens do Programa (CC com 13 em 46; CS, 15/46), apontando, também, uma saliência da mais antiga (E: 18/46). Saliência esta, porém, nada desmesurada, o que apenas reafirma seu papel de constituidora do PPGAS. O quadro como um todo revela uma tendência perene do Programa – fidelidade às origens com inovação.

Vejo neste parágrafo mais um panegírico à continuidade que os membros do corpo docente do Programa fazem sempre questão de registrar, entre o PPGAS – com seus adventícios – e suas origens catarinenses, emblematizadas por Silvio Coelho dos Santos. Como isto parece efetivamente, de maneira contínua, constituir nosso coletivo! Tudo se passa como se nós, sem essa âncora, não tenhamos legitimidade para ocupar a posição que ocupamos.

O ponto que tratei em seguida no Coleta diz respeito aos núcleos de pesquisa e ao Laboratório de Pesquisa do Programa (LAS). Finalizo, recordando o que falei sobre esses tópicos.

Os núcleos – 8 consolidados e 2 emergentes em 2004 – são as instâncias do PPGAS de aglutinação entre alunos e professores em torno dos projetos¹⁴. Neles são criadas as condições de articulação vertical – entre professores e estudantes (de graduação e pós-graduação) – e horizontal, entre colegas discentes e docentes, possibilitando a forte inclusão dos estudantes nos projetos de pesquisa encabeçados pelos professores, marca da produção discente do PPGAS. O Laboratório de Antropologia é o espaço por excelência responsável pela articulação entre os núcleos, promovendo os Diálogos Transversais em Antropologia, que periodicamente congregam alunos e professores dos referidos núcleos (veja Cardoso, 2008).

O sistema de relações envolvendo os núcleos e o LAS constitui um fator importante da organização social do Programa, os primeiros

tendo sentido centrífugo, o segundo, centrípeto. É de salientar que essa organização social tem constituído um dos pontos mais eventualmente complexos para a compreensão de nosso Programa, por parte de não integrantes (mas não só) dele – tipicamente colegas ocupando posições na avaliação da CAPES –, levantando sempre questões sobre a articulação entre o todo e as partes entre nós. Disse “mas não só”, pois eu mesmo por várias vezes (veja, por exemplo, meu texto de 2008) já classifiquei essa organização social como complexa, apontando que ela teria uma tendência à dispersão, exatamente nos núcleos, tentativamente compensada pelo Laboratório.

As questões relativas à organização social do Programa – entre a dispersão e a tentativa de concentração – e à exterioridade dos adventícios – uma exterioridade, como eu disse, que a cada passo busca tornar-se interioridade – parecem-me constituir suas marcas talvez mais originais, merecedoras sem dúvida de esforços futuros, mais sistemáticos, de compreensão. Na direção desses esforços, sugiro que os dois pontos acima estão mutuamente imbricados, o primeiro parecendo ser uma expressão do segundo. Tudo, então, aqui parece se passar como se o magnífico anfitrião, a história por ele encarnada – objeto da adesão dos adventícios – fosse exatamente o lugar de concentração do Programa, espécie de centro seu, imóvel. Mesmo agora – e talvez ainda mais, o futuro dirá – que Silvio é só saudade.

Notas

- ¹ A versão original deste texto foi lida no simpósio “20 Anos: Uma Antropologia em Perspectiva”, coordenado por Sônia W. Maluf. O simpósio fez parte da programação do colóquio “Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFSC: 20 Anos de História”, realizado em comemoração aos 20 anos do PPGAS/UFSC, em 8-9/09/05 e dedicado a Silvio Coelho dos Santos, seu fundador. O colóquio aconteceu quando eu era coordenador do Programa. A comunicação foi publicada, algo modificada, em *Antropologia em Primeira Mão*, 82 (2005). A presente versão do texto, cuja oralidade procuro guardar, é bem diferente das anteriores. Todas têm como lastro uma amizade de mais de 30 anos com Silvio. Agradeço a Miriam Furtado Hartung pela leitura e sugestões.
- ² A etnografia da ciência nunca me foi estranha, desde pelo menos meu texto de 1990, tendo-a como horizonte, através de uma etnografia em que tomei a etnomusicologia e as demais musicologias e suas matrizes nas humanidades e nas ciências humanas e sociais como objetos de estudo.
- ³ Sobre o tópico, conforme Viveiros de Castro (2002a).

- ⁴ Sobre a etnografia da ciência, conforme Cardoso de Oliveira (1988) e Peirano (1991).
- ⁵ Recordo que foi Silvio Coelho dos Santos quem, em 1983, me chamou à atenção o concurso para professor assistente de antropologia na UFSC através do qual ingressei no hoje Departamento (então, Área, dentro do Departamento de Ciências Sociais) de Antropologia. Antes de transferir-me para Florianópolis, em 1984, estive aqui a convite de Silvio por duas vezes: em 1980, para participar do encontro, *O Índio Perante o Direito*, que o então Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSC, sob sua direção, sediou (veja Coelho dos Santos, org. 1980, e meu texto de 1982); e em 1983, para um segundo encontro (veja Coelho dos Santos e outros, orgs. 1985).
- ⁶ Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 1.0, dezembro de 2001 (copyright do Instituto Antônio Houaiss). Produzido e distribuído pela Editora Objetiva Ltda.
- ⁷ Muito obrigado a Márnio Teixeira Pinto, então vice-coordenador do PPGAS, pela colaboração inestimável na elaboração do referido *Dataapes*. Sou grato também a Sônia Weidner Maluf, pela ajuda em sua revisão final, e a Karla Ferreira Knierim, pela digitação. Entretanto, como sempre se deve dizer, sou o único (ir)responsável por ele.
- ⁸ Incluo nestes primeiros adventícios apenas aqueles que até hoje permanecem ativos no Programa. Note-se que o Prof. Dennis Werner também aqui chegou em 1983, estando hoje, porém, aposentado e fora do quadro docente do PPGAS há vários anos. Para a história da antropologia na UFSC, incluindo a do agora PPGAS – sucessor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais -, conforme Coelho dos Santos (2006). Especialmente sobre o período de 1989 a 1995, veja Menezes Bastos e outros (1995).
- ⁹ Em 1999, a UFSC, a partir de iniciativa que teve origem, em 1994, na então Área de Antropologia do então Departamento de Ciências Sociais, concedeu o título de Professor Emérito ao Prof. Silvio Coelho dos Santos. Recordo que no documento inicial que sustentou a indicação em referência ao Conselho Universitário da UFSC a aliança mencionada é peça persuasiva absolutamente fundamental.
- ¹⁰ Curiosamente, algo parecido acontecia no PPGAS do Museu Nacional – de forma alguma um PPGAS regional, mas nacional, pois não? –, entre o final dos 1960 e os 1980 (veja Viveiros de Castro, 2002b).
- ¹¹ Transcrevo o poema: “O poeta municipal/discute com o poeta estadual/qual deles é capaz de bater o poeta federal./Enquanto isso o poeta federal/tira ouro do nariz”. O poema data de 1930 (incluído em Alguma Poesia) e é dedicado a Manuel Bandeira. Noto que a distinção em consideração também se pronunciava em termos do binômio centro/periferia, no centro estando, ao que me recordo, os PPGAS do Museu Nacional, UnB e – quase ao centro, se não me engano – USP e UNICAMP. Tudo o mais era – sorry! – periferia.
- ¹² No *Dataapes*, anotei os seguintes objetivos do PPGAS: “1. a formação de recursos humanos qualificados para o exercício da pesquisa e do ensino graduado e pós-graduado em Antropologia; e 2. a produção e a disseminação de conhecimento antropológico avançado nas grandes áreas temáticas da disciplina”.
- ¹³ Registro que recentemente as referidas linhas mudaram (veja <http://www.pos.ufsc.br/antropologia/index.html>).
- ¹⁴ Os núcleos de pesquisa considerados consolidados em 2004 foram os seguintes: LEVIS - Laboratório (Núcleo) de Estudos das Violências - Coordenador: Prof. Theophilos Rifiotis. MUSA - Núcleo de Arte, Cultura e Sociedade na América

Latina e no Caribe - Coordenador: Prof. Rafael José de Menezes Bastos. NAVI - Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem - Coordenadora: Prof^a. Carmen Sílvia Moraes Rial. NEPI - Núcleo de Estudos de Populações Indígenas - Coordenador: Prof. Sílvio Coelho dos Santos. NESSI - Núcleo de Estudos de Saberes e Saúde Indígena - Coordenadora: Prof^a. Esther Jean Langdon. NIGS - Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades - Coordenadora: Prof^a. Miriam Pillar Grossi. NUER - Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas - Coordenadora: Prof^a. Ilka Boaventura Leite. NUR - Núcleo de Antropologia da Religião - Coordenadoras: Prof^a. Maria Amélia Schmidt Dickie e Prof^a. Sônia Weidner Maluf. Anoto em seguida os considerados emergentes (sempre em 2004): A-funda - Núcleo de Pesquisa em Antropologia Fundamental - Coordenadores: Prof^a. Miriam Hartung e Prof. Márnio Teixeira-Pinto. NAUI - Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural - Coordenadora: Profa. Dra. Alicia N. González de Castells. Além desses núcleos, opera dentro do PPGAS/UFSC o NuTI-PRONEX, como sócio do núcleo homônimo formado no PPGAS-Museu Nacional/UFRJ a partir do projeto PRONEX, Transformações Indígenas: os regimes de subjetivação ameríndios à prova da história, cujo coordenador geral é o Prof. Eduardo Viveiros de Castro. O Prof. Oscar Calavia Sáez é o seu coordenador local. O NuTI/UFSC atua em conexão com o NESSI.

Referências bibliográficas

- CARDOSO, Vânia Zikán (Org.). *Diálogos Transversais em Antropologia*. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UFSC), 2008.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1988. A vocação meta-disciplinar da etnografia da ciência. In: _____. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988. p. 161-180.
- COELHO DOS SANTOS, Sílvio. *Índios e brancos no Sul do Brasil*. Florianópolis: Edeme, 1973.
- _____. A Antropologia em Santa Catarina. In: _____. (Org.). *Memória da Antropologia no Sul do Brasil*, Florianópolis: Editora da UFSC/ABA, 2006. p. 17-77.
- _____. (Org.). *O índio perante o Direito: ensaios*. Florianópolis: Edufsc, 1982.
- COELHO DOS SANTOS, Sílvio et al. (Org.). *Sociedades indígenas e o Direito - Uma questão de direitos humanos: ensaios*. Florianópolis: Edufsc, 1985.
- GOODE, W. The theoretical limits of professionalization. In: ETZIONI, Amitai. (Ed.). *The semi professions and their organization: Teachers, nurses, social workers*. New York: Collier Macmillan, 1969. pp. 267-284.
- LATOURET, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Nacional, 1970.
- MENEZES BASTOS, Rafael José de. Sobre a noção de tutela dos povos e indivíduos indígenas pela União. In: COELHO DOS SANTOS, Sílvio (Org.). *O índio perante o Direito: ensaios*. Florianópolis: Edufsc, 1982. p. 51-60.
- _____. *A festa da Jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa*. 1990. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

O Anfitrião e os Adventícios. O Centro e a Periferia: breve contribuição à etnografia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina

- _____. Antropologia da arte: uma antropologia de 'X' onde 'X' é a arte? In: CARDOSO, Vânia Zikán (Org.). *Diálogos transversais em antropologia*, Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UFSC), 2008. p. 151-156.
- MENEZES BASTOS, Rafael José de et al. *Relatório de auto-avaliação (1989-93)*. Florianópolis: UFSC/PPGAS, 1995. (digitado).
- PEIRANO, Mariza. Da lógica à etnografia da ciência. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, v. 88, p. 179-187, 1991.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002a.
- _____. Entrevista (concedida a Rafael José de Menezes Bastos e Carmen Rial). *Ilha*, v. 4, n. 2, p. 113-129, 2002b.
- WILENSKY, Harold L. The professionalization of everyone? In: GRUSKY, O.; MILLER, G. A. (Ed.). *The sociology of organizations: Basic studies*. New York: The Free Press, 1970. p. 483-501.

Recebido em: 24/07/2009

Revisão em: 21/8/2009

Aceite final: 16/9/2009